

## RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS E COVID-19: SIGNIFICADOS PARA UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

**Resumo:** Este estudo objetivou conhecer o que significa para os estudantes universitários brasileiros retornar às aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida por meio das mídias sociais, com 798 estudantes universitários do Brasil, entre abril e maio de 2020. A análise do corpus textual procedeu-se com a Análise de Conteúdo, com o auxílio do software IramuTeQ, por meio da Análise de Similitude. A média de idade dos participantes foi de 23,59 anos. Das falas analisadas emergiram duas categorias temáticas: Preocupação com a necessidade de proteção dos estudantes, professores, família e comunidade e Ambiente universitário como local de transmissibilidade. Assim, o retorno às aulas significou tanto preocupação com grupos populacionais de risco decorrente da exposição comunitária ao SARS-COV-2, quanto insegurança relacionada à nova rotina em ambiente universitário, devido ao risco de aglomeração, contaminação e transmissibilidade.

Descritores: Infecções por Coronavirus, Estudantes, Universidades, Pandemias.

Return to in-person classes and COVID-19: the significance for Brazilian undergraduate students

**Abstract:** This study aimed to learn what it means for Brazilian undergraduate students to return to in-person classes during the COVID-19 pandemic. This is a qualitative study based on the Social Representations Theory (SRT), which was carried out through the use of social media, where 798 Brazilian undergraduate students participated between April and May 2020. The text corpus was analyzed using Content Analysis and with the support of the IramuTeQ software, through the Analysis of Similarities (ANOSIM). The participants' average age was 23.59 years old. From the analyzed speeches, two thematic categories emerged: Concerns regarding the need for protection of students, teachers, family, and community; and the University environment as a transmissibility site. Thus, the return to in-person classes meant both concerns regarding population groups that will need protection due to communitarian exposure to SARS-COV-2; and insecurity related to the new routine in the university environment, due to the imminent risks of overcrowding, contamination, and transmissibility.

Descritores: Coronavirus Infections, Students, Universities, Pandemics.

Regreso a la escuela en la pandemia de COVID-19: significados para los estudiantes universitarios brasileños

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo conocer qué significa para los estudiantes universitarios brasileños volver a las clases presenciales durante la pandemia de COVID-19. Se trata de una investigación cualitativa, basada en la Teoría de las Representaciones Sociales (TRS), desarrollada a través de las redes sociales, con 798 estudiantes universitarios de Brasil, entre abril y mayo de 2020. El análisis del corpus textual procedió con el Análisis de Contenido, con ayuda del software IramuTeQ, a través del Análisis de Similitud. La edad media de los participantes fue de 23,59 años. De los enunciados analizados surgieron dos categorías temáticas: Preocupación por la necesidad de protección de los estudiantes, docentes, familia y comunidad y el ambiente universitario como lugar de transmisión. Así, el regreso a las clases significó tanto la preocupación por los grupos de población en riesgo por la exposición comunitaria al SARS-COV-2, como la inseguridad relacionada con la nueva rutina en un ambiente universitario, por el riesgo de aglomeración, contaminación y transmisibilidad.

Descritores: Infecciones por Coronavirus, Estudiantes, Universidades, Pandemias.

### Murilo César do Nascimento

Enfermeiro. Doutor em Ciências (Saúde na Comunidade) pelo Departamento de Medicina Social (DMS) da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) - Universidade de São Paulo, USP. Professor do Magistério Superior na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, Brasil.

E-mail: [murilo.nascimento@unifal-mg.edu.br](mailto:murilo.nascimento@unifal-mg.edu.br)  
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3436-2654>

### Paula Daniella de Abreu

Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-graduação Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

E-mail: [pauladabreu@gmail.com](mailto:pauladabreu@gmail.com)  
 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8756-8173>

### Silvana Maria Coelho Leite Fava

Enfermeira. Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) - Universidade de São Paulo, USP. Professora do Magistério Superior na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, Brasil.

E-mail: [silvana.fava@unifal-mg.edu.br](mailto:silvana.fava@unifal-mg.edu.br)  
 ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3186-9596>

### Roberta Seron Sanches

Doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) - Universidade de São Paulo, USP. Professora do Magistério Superior na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, Brasil.

E-mail: [roberta.sanches@unifal-mg.edu.br](mailto:roberta.sanches@unifal-mg.edu.br)  
 ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7557-5560>

### Rogério Silva Lima

Enfermeiro. Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) - Universidade de São Paulo, USP. Professor do Magistério Superior na Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, Brasil.

E-mail: [rogerio.lima@unifal-mg.edu.br](mailto:rogerio.lima@unifal-mg.edu.br)  
 ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1751-2913>

Submissão: 22/03/2021

Aprovação: 17/10/2021

Publicação: 15/12/2021

### Como citar este artigo:

Nascimento MC, Abreu PD, Fava SMCL, Sanches RS, Lima RS. Retorno às aulas presenciais e COVID-19: significados para universitários brasileiros. São Paulo: Rev Recien. 2021; 11(36):330-341.

DOI: <https://doi.org/10.24276/rrecien2021.11.36.330-341>

## Introdução

Os sistemas educacionais em todo mundo foram afetados pela COVID-19. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), centenas de escolas e universidades foram fechadas (total e/ou parcialmente), em mais de 100 países/regiões, incluindo o Brasil<sup>1</sup>, na tentativa de conter a transmissão da doença pelo novo coronavírus<sup>2,3</sup>. O atual contexto marcado pela pandemia da COVID-19 impôs às instituições de ensino superior o desafio de decidir sobre novos processos de ensinar e aprender<sup>4-6</sup>.

Como resultado deste processo de distanciamento social houve um incremento expressivo das atividades de ensino remoto, em ambiente domiciliar, e a sala de aula passou a ser redesenhada em um ambiente virtual de aprendizagem. Diante disso, um crescente número de trabalhos relacionados à saúde de estudantes universitários ganhou espaço na literatura científica, o que compreende um aspecto positivo, visto a necessidade de se conhecer as condições dos alunos a fim de avaliar a sua reintegração e a importância da preparação ambiental/estrutural das instituições para o retorno das atividades presenciais<sup>6,7</sup>.

Apesar das inúmeras preocupações desencadeadas pela crise atual no campo da saúde e da economia, escassas têm sido as iniciativas, no contexto brasileiro, que têm considerado os estudantes como protagonistas de um incerto “novo normal” no âmbito da educação superior e que possibilitem acesso às representações sociais dos graduandos no processo a vindouro de transição do ensino remoto. Há que se ressaltar que as

representações sociais designam maneiras de interpretar o mundo que, em última instância, mobilizam os comportamentos dos sujeitos e influenciam em grande medida o modo como o sujeito se situa perante a um novo fenômeno<sup>8</sup> e podem apresentar subsídios para que se compreenda como os estudantes atravessam este momento.

Deste contexto de pandemia, permeado por inquietações com o que está por vir e pelas necessárias adequações do ensino e ambiente universitários, emerge a seguinte pergunta de pesquisa: quais são os significados do retorno às aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19 para estudantes universitários no Brasil? Assim, o objetivo deste trabalho foi conhecer o que significa para os estudantes universitários brasileiros retornar às aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19. Acredita-se que o conhecimento, a análise e a compreensão de tais significados, provenientes do senso comum dos universitários, podem contribuir do ponto de vista acadêmico/profissional/social com elementos que auxiliem educadores e gestores na tomada de decisões mais acertadas relativas ao retorno gradativo das atividades presenciais nas instituições de ensino superior do país.

## Material e Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujos significados foram analisados segundo a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Serge Moscovici a fim de identificar as ideias do senso comum constituídas pelas experiências e significações que são expressas por meio linguagem<sup>8</sup>. O estudo foi desenvolvido em grupos, associações e comunidades virtuais existentes em mídias sociais diversas, como redes sociais e

contatos do aplicativo WhatsApp, distribuídos pelo Brasil.

Participaram inicialmente deste estudo 864 estudantes universitários das cinco regiões do Brasil, destes, 798 compuseram a amostra por atenderem aos seguintes critérios de inclusão: ser brasileiro nato, residir no Brasil, referir possuir 18 anos ou mais de idade, se autodeclarar alunos de graduação em instituições de ensino superior do país. Foram excluídos 66 respondentes pelos seguintes motivos: não morava no país por ocasião do estudo (uma pessoa); possuíam menos de 18 anos de idade (quatro estudantes); não frequentavam nenhum curso de graduação no país (33 respondentes); duplicidades (sete registros); resposta com caracteres sem sentido (1 respondente); não eram graduandos e sim pós-graduandos (cinco estudantes); não eram brasileiros natos (cinco respondentes); e não responderam de forma completa à pergunta aberta (sete universitários). Ademais, três pessoas foram excluídas, pois não assinalaram eletronicamente o consentimento de participação do estudo.

A coleta de dados ocorreu de forma virtual, pela internet, entre abril e maio de 2020. Para a obtenção das respostas utilizou-se um formulário digital<sup>9</sup> composto por seções digitais. Na seção principal foi apresentada a seguinte pergunta aberta para resposta em profundidade: *“Cá entre nós”, o que significa para você retornar às aulas presenciais em tempos de pandemia da Doença pelo coronavírus (COVID-19)? Por quê?* As respostas foram registradas de forma automática em planilha eletrônica. Devido ao sigilo e anonimato necessários, os estudantes foram codificados com caracteres alfanuméricos segundo a cronologia das respostas à *web survey*.

A seleção inicial dos participantes ocorreu por amostragem não-probabilística, do tipo por acessibilidade ou conveniência, e contou com o incremento subsequente por meio da técnica “Bola de Neve” (*Snowball Sampling*)<sup>10</sup>. Ao final do questionário os participantes eram convidados a indicar outros possíveis participantes elegíveis para o estudo.

A análise do *corpus* textual procedeu-se com a Análise de Conteúdo, por meio da técnica de Análise Temática<sup>11</sup>. A primeira etapa consistiu na *pré-análise*: leitura flutuante e direções de análise a partir do *corpus* textual. Na segunda etapa a *exploração do material* se deu com o auxílio do *software* *IraMuTeQ (software Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)* por meio da Análise de Similitude para identificação da relação de conexidade entre as palavras<sup>12</sup>. Na terceira etapa ocorreu o *tratamento dos resultados* com inferência e interpretação para a constituição das categorias temáticas. Tal recurso contribuiu para a organização, exploração e interpretação aprofundada do *corpus* extenso.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição proponente (CAAE nº 30964820.0.0000.5142 e parecer nº 4.109.280).

## Resultados

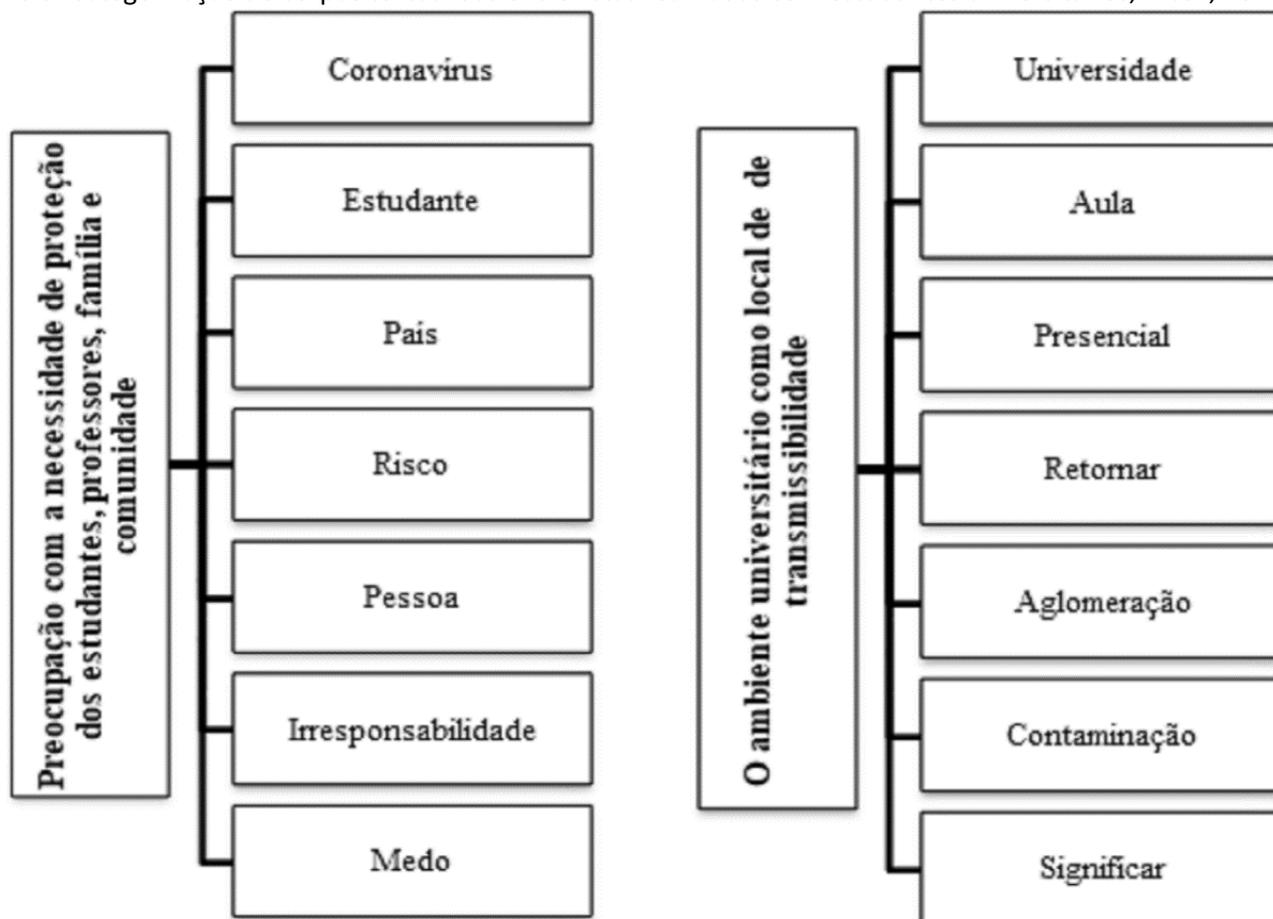
### Caracterização dos participantes

Quanto ao perfil dos participantes, observou-se um grupo de respondentes universitários com média de idade igual a 23,59 anos, virtualmente/digitalmente incluídos, provenientes de 322 municípios distribuídos nas regiões brasileiras (Figura 1). Destes estudantes, em 125 cidades dos distintos Estados do país, a maioria referiu ser do sexo feminino, de cor branca, solteiras, com renda familiar entre um e meio à três



Por meio da Análise de Similitude foi possível interpretar a conexão e os significados das palavras à luz do referencial teórico e construir as categorias temáticas apresentadas na Figura 3.

**Figura 3.** Categorização do corpus textual das entrevistas realizadas com estudantes universitários, Brasil, 2021.



Fonte: Elaborada pelos autores, 2021.

### **Preocupação com a necessidade de proteção dos estudantes, professores, família e comunidade**

O contexto da pandemia do COVID-19 modificou a dinâmica de ensino no país que passou a ocorrer de forma remota. O possível retorno às aulas presenciais foi associado pelos estudantes à *preocupação, exposição, tensão, irresponsabilidade, pânico e medo*. Estas significações estiveram associadas ao risco iminente de contaminação e transmissibilidade do vírus em suas redes de contatos na escola, no trajeto à residência nos espaços comunitários e entre seus familiares. Nesta perspectiva, os alunos deste estudo relataram:

*“Eu acho uma situação muito delicada, por um lado vamos ter que nos adaptar a conviver*

*com essa situação, visto que esse vírus não vai desaparecer do nada, mas por outro lado como ficam os alunos e professores do grupo de risco? E aqueles que moram com idosos e outras categorias de risco? A situação é extremamente preocupante, há muito no que se pensar”.* (E43)

*“Colocarmos em risco e também de toda nossa família. Com a volta as aulas será maior aglomeração aumentando as chances de contaminação”.* (E65)

*“Retornar as aulas presenciais significa colocar a mim, a minha família e todas as pessoas do comércio, transporte coletivo em risco”.* (E124)

*“Retornar em tempos de pandemia é uma irresponsabilidade, já que coloca em risco os alunos, professoras e funcionários da universidade”.* (E137)

*“Significa um tipo de exposição, tanto para os alunos quanto a família deles e também a toda a comunidade que ele apresenta uma convivência”. (E223)*

*“Tensão, medo e irresponsabilidade. Para mim, as aulas presenciais só deveriam voltar depois da certeza de redução dos casos de coronavírus. Se voltar antes, prefiro perder o semestre que arriscar me infectar e possivelmente infectar minha família”. (E252)*

*“Muito difícil, não moro na cidade onde faço faculdade, pego um ônibus da prefeitura onde eu moro e vou todos os dias para a faculdade, mais ou menos dá uma hora de viagem. Se voltar as aulas tendo ainda um grande número de contaminação eu colocarei minha família em risco e além de que se voltar nessas condições eu me coloco em risco também, pois teria que ir para práticas no hospital onde há casos confirmados”. (E279)*

*“Neste momento dá um pouco de pânico, quando você é do grupo de risco, eu mesmo estou pensando se eu me arrisco ou tranco minha matrícula, além de se arriscar pode colocar a família em risco” [...]. (E310)*

#### **Ambiente universitário como local de transmissibilidade**

O ambiente universitário possui limitações de proteção sanitária para a condução segura das aulas presenciais no contexto epidemiológico da pandemia. Na comunidade acadêmica há pessoas dos grupos de riscos, a estrutura física não possibilita o distanciamento e adaptações necessárias para minimizar a transmissibilidade. A disponibilização dos insumos para prevenção e proteção, além do controle das recomendações poderiam não ser garantidos por estas instituições. Neste sentido, o ambiente universitário foi referido como lócus de aglomeração com potencial para contaminação e reinfecções, que remete à *perigo, loucura e insanidade*:

*“Há certa incerteza. Parece que vai aumentar a contaminação. Sabemos que nem todos seguirão as recomendações de segurança. Além disso, as estruturas dos locais não*

*parecem muito adaptadas para ventilação e espaçamento entre os estudantes. Também não sei se todos poderão estar equipados com alguma proteção. E se todos utilizarão isso da forma correta. Provavelmente não. Outra questão é o tempo a mais que todo o processo de higienização de máscaras, roupas, embalagens e material vai demandar. Acho complicado exigir um mesmo ritmo de estudo e aulas mais a adoção de todas as medidas de segurança” [...]. (E23)*

*“Aumentar o risco de disseminação. Aumentar aglomerações. Aumentar o risco de reinfecções. Saturar o SUS. Colocar vidas em perigo”. (E166)*

*“Loucura. Ter uma aglomeração de pessoas em um mesmo ambiente, além de não ter equipamentos de segurança necessários. Já viu as recomendações para trocar as máscaras pelo tempo de uso? Aí você passa um dia inteiro na faculdade.... Quantas máscaras caseiras você tem que ter na bolsa? Sem falar dos objetos em que todos encostam. Como fazer a higienização desses objetos? Como por exemplo as trancas de banheiro. Vão usar papel e depois descarta-lo para não ter que encostar? É muito desperdício”. (E173)*

*[...] “E também, será que as instituições vão estar preparadas para a higienização dos locais? [...] São muitas coisas que pensamos [...] muitas dúvidas”. (E310)*

*“Em meio à pandemia é muito complicado, há pessoas de todos os lugares, que estão sujeitos a várias situações, e se em uma dessas acabar levando para a faculdade e os colegas pegarem. Depois acabam levando para as casas / trabalhos e aumentando o risco de contaminação”. (E453)*

*“Algo inimaginável, porque não entraríamos em contato apenas com nossos colegas de classe, mas sim com várias pessoas, podendo contaminar pessoas com quem vivemos e até nós mesmos, visto que alguns estudantes também pertencem ao grupo de risco”. (E539)*

*“Insanidade, pois não há cura definida para a doença, voltar com aulas durante essa crise é abrir as portas da contaminação. Salas com 30 ou 40 alunos, trânsito desses alunos pelas cidades, muitos estão em contato com pessoas do grupo de risco. Nosso país não tem*

*estabilidade política, não possui pessoas qualificadas na área da saúde no poder (do atual governo federal), nem preparo sanitário para retomada das atividades”. (E763)*

Também houve contrapontos com ideias favoráveis que, apesar de menos frequentes no corpus textual, significaram o retorno às aulas como algo necessário:

*“Um desafio necessário, precisamos nos adaptarmos a essa nova realidade. Até quando iremos ficar guardados em casa”? (E46)*

*“Algo necessário! Visto que em casa as distrações são maiores e não somos grupo de risco”. (E118)*

*“Acredito que para o retorno ideal é preciso manter todos os cuidados de higiene e de prevenção. O retorno das aulas é necessário. Entretanto, em tempos de pandemia da Covid 19 essa medida deve ser bem pensada e articulada para evitar a exposição ao vírus e o conseqüente aumento de casos”. (E264)*

*“Retornar apenas às aulas presenciais estritamente necessárias, como algumas atividades práticas, porém atendendo medidas de prevenção, como rodízio de alunos, locais arejados, manter distanciamento entre pessoas, uso de máscaras, higienização de todo o espaço”. (E369)*

## Discussão

Ao analisar os significados do retorno às aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19 foi possível conhecer os termos que frequentemente materializam o imaginário coletivo dos universitários pelo país e dão indícios das representações que tem sido socialmente elaboradas nesse contexto.

*Coronavírus, estudante, país, aglomeração, pessoa, irresponsabilidade e medo* compuseram o conjunto principal de palavras que representaram a preocupação com a sua autoproteção como estudantes e a necessidade de proteção dos professores, famílias e comunidades de pertença. Já os termos *universidade, aula, presencial, retornar,*

*aglomeração, contaminação e significar* estiveram substancialmente contemplados em respostas que sinalizavam para o ambiente universitário como potencial local de transmissibilidade.

O entendimento dos alunos sobre o retorno presencial às universidades, assenta-se no senso comum que visa à proteção à vida e no julgamento do espaço universitário como ambiente ameaçador e favorável à propagação viral. Tais representações, elaboradas à luz das novas informações produzidas e veiculadas pela ciência e pela mídia, modificadas e socializadas pelos sujeitos em seu cotidiano, indicam os esforços cognitivos dos universitários para familiarização frente aos novos e incertos fenômenos, afim de assumir um posicionamento e conduzir o próprio comportamento no mundo que os cerca.

Essa inferência tem relação com o fato de que os estudantes são predominantemente desfavoráveis ao retorno das aulas presenciais durante a pandemia, atitude psíquica esta ancorada em afetos permeados pelo medo e busca de autopreservação, embora não existam evidências robustas, até o momento, dos espaços escolares serem responsáveis pelo agravamento da pandemia.

A esse respeito, assinala-se que o impacto da reabertura de universidades durante a pandemia de COVID-19 é pouco documentado e a busca por experiências similares na literatura revela escassez de trabalhos, sendo mais frequentes os estudos relacionados às escolas. À exemplo, pesquisa realizada sobre o número de casos de SARS-CoV-2 entre alunos de escolas italianas, documentou uma baixa transmissão viral dentro dos ambientes escolares, principalmente entre os alunos mais jovens. Os autores salientaram a necessidade de diretrizes que

considerem melhor os diferentes riscos em grupos de idade distintos<sup>14</sup>.

Em outro estudo com 3.303 crianças e adultos com teste positivo para SARS-CoV-2 na Alemanha, a idade não foi apontada como uma variável tão importante em termos de carga viral. A análise da relação entre a idade do paciente e a carga viral estimada, apontou para porcentagem considerável de pessoas infectadas em todas as faixas etárias e que, sendo pré-sintomáticas ou casos leves, carregam cargas virais que provavelmente representam infecciosidade<sup>15</sup>.

Um intenso rastreamento de contato em Huan, China, possibilitou identificar que a suscetibilidade à infecção pelo SARS-CoV-2 aumenta com a idade, enquanto a transmissibilidade não é significativamente diferente entre grupos de idade e entre indivíduos sintomáticos e assintomáticos. Os autores concluem que os contatos em domicílios e à exposição a casos de primeira geração estão associados a maiores chances de transmissão<sup>16</sup>. De forma convergente com tais achados, nesse estudo, os participantes referiram preocupação em carrear o vírus e promover a sua transmissão no domicílio.

Por outro lado, um estudo que utilizou dados intrafamiliares demonstrou uma subdetecção de infecções no teste de PCR mais substancial em crianças. Foi observado que em menores de 20 anos, tanto a suscetibilidade quanto a infecciosidade eram menores em comparação com as dos adultos. Com isso, os autores inferiram que a baixa suscetibilidade e a subdetecção poderiam explicar a constatação global de baixa frequência no acometimento de crianças pequenas pela COVID-19, em comparação com outras faixas etárias<sup>17</sup>. Acredita-se que seja necessário

ampliar essa investigação para os universitários, uma vez que compreendem, em sua maioria, a faixa etária de jovens.

Nota-se, portanto, que o panorama é incerto, caracterizado pela falta de consenso sobre a suscetibilidade e sobre a transmissibilidade do SARS-CoV-2 pelos grupos distintos e, dados apresentados ao redor do mundo sugerem que as escolas teriam condições de reabrir com segurança em cenários com baixa transmissão comunitária<sup>18</sup>. Pontua-se que essa incerteza, traduzida nas notícias que se tem acesso por meio da mídia, nas experiências cotidianas, nas conversas informais sobre os impactos da pandemia são o substrato das construções simbólicas manifestas pelos universitários nesse estudo, em que se observa uma atitude predominantemente desfavorável ao retorno, permeada por preocupações nos âmbitos pessoal e familiar, individual e coletivo.

Nessa direção, autores entendem que mesmo num contexto de baixa transmissão local, a volta às aulas presenciais deve ser viabilizada com cautela e acompanhada pelo desenvolvimento da capacidade de vigilância epidemiológica que inclui monitoramento cuidadoso, testagem rápida, rastreamento e isolamento dos casos suspeitos de COVID-19 e seus contatos<sup>19,20</sup>, com vistas à garantir a proteção dos estudantes e suas famílias.

Destaca-se, nesse sentido, a importância de se fomentar a adesão às medidas de proteção individual, tais como hábitos de etiqueta respiratória, uso de máscaras e higienização com álcool em gel a 70% nas universidades que optam pelo retorno presencial, uma vez que, à exemplo do que ocorre com as crianças<sup>17</sup>, os graduandos podem contribuir para a cadeia de propagação do COVID-19, papel este que pode ser

influenciado por diferentes padrões de contato e hábitos higiênicos dentro e fora de casa.

Por outro lado, não se pode perder de vista as implicações educacionais, econômicas e para a saúde pública referentes à COVID-19<sup>21</sup>. Reconhece-se que o fechamento das escolas também apresenta altos custos diretos, indiretos e efeitos nem sempre mensuráveis para alunos, familiares, comunidades e sociedade<sup>3</sup>.

Em uma análise sobre a doença pelo coronavírus e a volta às aulas em que se discutiu os aspectos educacionais as consequências para a aprendizagem dos alunos diante do fechamento das escolas, teceu-se um paralelo com o fechamento ocorrido em 1919 em decorrência da epidemia de poliomielite nos Estados Unidos. Ressalvadas as devidas proporções, o fenômeno “*Summer learning loss*” (perda de aprendizagem no verão)<sup>2</sup> parece ter sido suficiente para resultar em evasão escolar e impactar numa escolaridade média menor ao longo da vida<sup>22</sup>.

Para além dos possíveis efeitos deletérios do fechamento das escolas e universidades para o processo de ensino-aprendizagem, outro aspecto que chama atenção são os impactos da pandemia para a saúde mental dos estudantes universitários<sup>16,23-26</sup>. Numa pesquisa com estudantes universitários na China, por exemplo, foram observados estresse agudo, ansiedade e sintomas depressivos como problemas de saúde mental prevalentes relacionados à múltiplos fatores epidêmicos e psicossociais durante a pandemia<sup>27</sup>.

Adicionalmente, pesquisa com 2.031 estudantes universitários nos Estados Unidos da América (EUA) detectou uma alarmante incidência de depressão, ansiedade e/ou pensamentos suicidas. Os

entrevistados relataram preocupações com a saúde e com o estilo de vida a partir da pandemia. Impacto negativo na saúde mental de estudantes universitários também foi observado em outra pesquisa americana em que demonstrou altos níveis de depressão associados a dificuldades em se concentrar no trabalho acadêmico e a perdas de emprego, assim como níveis mais altos de ansiedade relatados por alunos em períodos mais avançados da graduação e que passavam mais tempo buscando informações sobre a COVID-19<sup>28</sup>.

Os processos relacionados à reabertura de faculdades e universidades durante a pandemia pela COVID-19 não são simples e representam um desafio em escala global<sup>29</sup>. O fechamento das instituições de ensino depende dos cenários epidemiológicos locais, entretanto, as escolas devem se planejar para a reabertura, por meio da implementação de medidas de prevenção possíveis à sua estrutura e organização<sup>3</sup>.

Em âmbito nacional, trabalho recente analisou as medidas de biossegurança adotadas para o retorno às aulas de alunos com idade entre 10 e 19 anos, bem como os protocolos de reabertura de instituições educacionais em 13 países distintos. As principais providências identificadas disseram respeito a quem poderia frequentar a escola, higiene pessoal e limpeza escolar, uso de máscara e distanciamento social<sup>3</sup>.

Comunicações sobre a permanência do ensino remoto em alguns cenários, somadas às experiências exitosas de reabertura das instituições de ensino superior já começam a despontar na literatura<sup>29,30</sup>. Atrelado à outras iniciativas locais, regionais, nacionais e internacionais, este compartilhamento de informações úteis, referentes à educação em todos os níveis e à saúde pública, deverá auxiliar com subsídios

para um retorno seguro aos espaços de ensino-aprendizagem no Brasil e no mundo.

À medida que os estudantes observarem a segurança nesses processos e acessarem informações mais claras a respeito das medidas de segurança, talvez possam elaborar outras representações a respeito do espaço universitário como seguro para retomada dos seus estudos. Não obstante, reconhece-se que a mudança desse pensamento depende em grande medida do panorama nacional de vacinação, da observação concomitante da redução dos níveis de transmissibilidade, materializada pela diminuição dos testes positivos, diminuição das internações hospitalares e em leitos de Terapia Intensiva, índice estes cotidianamente veiculados pela mídia no âmbito nacional e loco-regional. Notadamente, a retomada das universidades é um problema multisetorial que passa pelo controle da pandemia no aspecto macrossocial.

Uma limitação do presente trabalho se referiu a abordagem restrita às pessoas que dispunham de acesso a mídias sociais e que foram alcançadas pela amostragem do tipo bola de neve, o que minimiza a validade externa dos resultados que devem ser interpretados segundo a realidade dos municípios brasileiros representados. Outra fragilidade relaciona-se com a possibilidade de discutir os achados da pesquisa em momento consideravelmente posterior ao período da coleta de dados, por ocasião dos primeiros meses da pandemia. No entanto, considera-se que com o recrudescimento da pandemia nos meses iniciais de 2021, o cenário volta a ser nebuloso para o retorno às universidades.

Sugere-se que outros estudos sejam desenvolvidos a fim de se acompanhar a evolução dos

significados que os estudantes universitários têm atribuído às medidas necessárias para um retorno seguro às aulas durante a pandemia pela COVID-19, como a adesão ao distanciamento social e o uso comunitário de máscaras.

Mesmo diante das dificuldades inerentes ao processo de investigação científica em tempos de pandemia, considera-se que este estudo possibilitou um retrato importante sobre o que significa para os estudantes universitários brasileiros retornar às aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19. Acredita-se que tal aproximação do universo composto pelo senso comum dos universitários participantes têm potencial de contribuir com elementos que possam auxiliar educadores e gestores na tomada de decisões mais acertadas relativas ao retorno gradativo das atividades presenciais às instituições de ensino superior do país.

## Conclusão

A nova doença pelo coronavírus trouxe ao mundo mudanças significativas no campo representacional dos estudantes universitários, objetivadas nas exigências da formação acadêmica e nas ações protetivas no decorrer das diferentes fases e cenários epidemiológicos da pandemia. O risco iminente de adoecimento, transmissibilidade e morte resultaram em incertezas, angústias e medo, além da necessidade de adequação numa perspectiva de enfrentamento da transmissibilidade em massa e colapso dos sistemas de saúde.

As novas exigências trouxeram, entre outros desafios, a necessidade de adaptações no cenário universitário com ênfase na proteção dos estudantes, da comunidade acadêmica e da sociedade por meio do ensino remoto. Neste contexto, esta *web survey*, que

abrangeu os estados e grandes regiões do Brasil, possibilitou conhecer os significados que permeiam o imaginário dos universitários brasileiros acerca do retorno às aulas presenciais durante a pandemia de COVID-19.

Compreende-se que o universo simbólico dos alunos de graduação sobre o retorno presencial às universidades assenta-se em elaborações que remetem à proteção à vida e ao julgamento do espaço universitário como ambiente ameaçador e favorável à propagação viral. Os significados emergidos podem contribuir para estratégias que considerem as representações dos universitários, que são atores sociais relevantes do processo transicional da volta às aulas presenciais.

## Referências

1. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. COVID-19 Impact on Education: Global monitoring of school closures caused by COVID-19. Paris; 2020. Disponível em: <<https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>>.
2. Oliveira JBA, Gomes M, Barcellos T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. *Ens Avaliação Políticas Públicas Educ.* 2020; 28(108):555-78.
3. Soares LF, Schoen TH. Medidas de prevenção à Covid-19 no retorno às aulas: protocolos de 13 países. São Paulo; 2020. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1082/1590>>.
4. Hodges C, Moore S, Lockee B, Trust T, Bond A. The difference between emergency remote teaching and online learning. *Educ Rev.* 2020.
5. Gusso HL, Archer AB, Luiz FB, Sahão FT, Luca GG de, Henklain MHO, et al. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educ Soc.* 2020; 41:e238957.
6. Rojas-Vega J, Castro-Gomez D, Damacén-Oblitas V, Rojas-Silva J, Moquillaza V. The return to the university during the pandemic: perspectives within a public school of midwifery. São Paulo; 2020. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1035>>.
7. Júnior WDEP, Neto FFDEL, Grabe-Guimarães A. Not everything is condemned by COVID-19. *An Acad Bras Cienc.* 2020; 92(4):e20201593.
8. Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes 2015.
9. Google. Google Forms. Mountain View. 2020. Disponível em: <<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>>.
10. Polit DF, Beck CT. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. Avaliação de evidências para a prática de enfermagem. 7ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2011.
11. Bardin L. Análise de conteúdo. 1ª ed. São Paulo: Edições 70 Ltda. 2016.
12. Camargo B V., Justo AM. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicol.* 2013; 21(2):513-8.
13. Ratinaud P. Laboratoire d'Études et de Recherches Appliquées en Sciences Sociales (LERASS), Universidade de Toulouse. IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. Toulouse: 2008-2021. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/>>.
14. Buonsenso D, De Rose C, Moroni R, Valentini P. SARS-CoV-2 infections in Italian schools: preliminary findings after one month of school opening during the second wave of the pandemic. New Haven. 2020. Disponível em: <<http://medrxiv.org/content/early/2020/10/11/2020.10.10.20210328.abstract>>.
15. Jones TC, Mühlemann B, Veith T, Biele G, Zuchowski M, Hofmann J, et al. An analysis of SARS-CoV-2 viral load by patient age. New Haven. 2020. Disponível em: <<http://medrxiv.org/content/early/2020/06/09/2020.06.08.20125484.abstract>>.
16. Tang W, Hu T, Hu B, Jin C, Wang G, Xie C, et al. Prevalence and correlates of PTSD and depressive symptoms one month after the outbreak of the COVID-19 epidemic in a sample of home-quarantined Chinese university students. *J Affect Disord.* 2020; 274:1-7.

17. Dattner I, Goldberg Y, Katriel G, Yaari R, Gal N, Miron Y, et al. The role of children in the spread of COVID-19: Using household data from Bnei Brak, Israel, to estimate the relative susceptibility and infectivity of children. New Haven. 2020. Disponível em: <<http://medrxiv.org/content/early/2020/10/11/2020.06.03.20121145.abstract>>.
18. Lewis D. Why schools probably aren't COVID hotspots. *Nature*. 2020; 587(7832):17.
19. Kampe EO, Lehfeld A-S, Buda S, Buchholz U, Haas W. Surveillance of COVID-19 school outbreaks, Germany, March to August 2020. *Eurosurveillance*. 2020; 25(38):pii=2001645.
20. Jones TC, Mühlemann B, Veith T, Biele G, Zuchowski M, Hofmann J, et al. An analysis of SARS-CoV-2 viral load by patient age. New Haven. 2020. Disponível em: <<http://medrxiv.org/content/early/2020/10/11/2020.06.03.20121145.abstract>>.
21. Cohen AK, Hoyt LT, Dull B. A Descriptive Study of COVID-19–Related Experiences and Perspectives of a National Sample of College Students in Spring 2020. *J Adolesc Heal*. 2020; 67(3):369-75.
22. Meyers K, Thomasson M. Paralyzed by Panic: Measuring the Effect of School Closures during the 1916 Polio Pandemic on Educational Attainment. Cambridge. 2017. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w23890.pdf>>.
23. Huckins JF, daSilva AW, Wang W, Hedlund E, Rogers C, Nepal SK, et al. Mental Health and Behavior of College Students During the Early Phases of the COVID-19 Pandemic: Longitudinal Smartphone and Ecological Momentary Assessment Study. *J Med Internet Res*. 2020; 22(6):e20185.
24. Son C, Hegde S, Smith A, Wang X, Sasangohar F. Effects of COVID-19 on College Students' Mental Health in the United States: Interview Survey Study. *J Med Internet Res*. 2020; 22(9):e21279.
25. Wang Z-H, Yang H-L, Yang Y-Q, Liu D, Li Z-H, Zhang X-R, et al. Prevalence of anxiety and depression symptom, and the demands for psychological knowledge and interventions in college students during COVID-19 epidemic: A large cross-sectional study. *J Affect Disord*. 2020; 275:188–93.
26. Wang X, Hegde S, Son C, Keller B, Smith A, Sasangohar F. Investigating Mental Health of US College Students During the COVID-19 Pandemic: Cross-Sectional Survey Study. *J Med Internet Res*. 2020; 22(9):e22817.
27. Ma Z, Zhao J, Li Y, Chen D, Wang T, Zhang Z, et al. Mental health problems and correlates among 746 217 college students during the coronavirus disease 2019 outbreak in China. *Epidemiol Psychiatr Sci*. 2020;29:e181:1–10.
28. Aleksandar Kecojevic, Corey H. Basch, Marianne Sullivan NKD. The impact of the COVID-19 epidemic on mental health of undergraduate students in New Jersey, cross-sectional study. *PLoS One*. 2020; 15(9):e0239696.
29. Cheng S-Y, Wang CJ, Shen AC-T, Chang S-C. How to Safely Reopen Colleges and Universities During COVID-19: experiences from Taiwan. *Ann Intern Med*. 2020; 173(8):638–41.
30. Inoue K, Takeshita H, Ohira Y. The current effects of the spread of COVID-19 in learning environments involving Japanese college students: What is the state of those environments elsewhere in the world? *Int Marit Health*. 2020; 71(2):150–150.